



RELAMI

Rede Ecumênica

Latino-Americana de Missiolog@s

ARTE DE CHEGAR NO JEITO DE CAMINHAR

Para uma antecipação das utopias na ética do cotidiano

Paulo Suess

1.

Em seus sonhos a humanidade imagina tempos e territórios diferentes, melhores ou até perfeitos. Esses territórios poderiam ser ilhas, como a "Utopia" de *Thomas Morus*, cidades ideais, como a "Cidade do Sol", do frade dominicano *Tomás Campanella* ou um "Admirável Mundo Novo", que *Aldous Huxley* descreveu, não como ideal, mas como advertência. Hoje, propostas utópicas com visões que apontam para horizontes além do capitalismo perderam sua atratividade para os partidos de esquerda, seus tradicionais gestores. As utopias se deslocaram para movimentos sociais ligados à questão da terra, como o MST e o movimento indígena. A América Latina se urbaniza cada vez mais, mas nas grandes cidades nasceram apenas alguns movimentos sociais reformistas, além dos sindicatos que, faz tempo, se organizaram como pequenas empresas. As inspirações para mudanças mais radicais vêm do campo. Lula e Stedile são transitoriamente seus respectivos protagonistas. O sindicalista Lula nunca entendeu, a fundo, a questão "terra-território" indígena. Um sindicalista entende de produção, mas entende também de pressão social, de greves, marchas e povo na rua.

2.

Semelhante ao que ocorreu nos anos anteriores, também em 2005 o Fórum Social Mundial configura uma peregrinação para a Meca dos sonhos perdidos, um *must* para a esquerda mundial. Como as montadoras de carros, às vezes, são obrigadas a fazer um *recall* desse ou daquele modelo que saiu da fábrica com falhas, Porto Alegre é o *recall* dos sonhos e das utopias, alguns já arquivados, outros com pouco prestígio, porém ainda em circulação, sonhos da eterna paz, mundos sem violência, com cidadãos sujeitos de seus plenos direitos, ilhas sem ameaças dos maremotos do mercado. Porto Alegre expressa a experiência coletiva da necessidade antropológica de sonhar. Nessa experiência está incluída a intuição difusa da necessidade de se fazer alguns reparos nos sonhos de ontem. Os reparos se fazem necessários, por um lado, por causa de uma certa incapacidade dos militantes de reconhecer os limites entre realidade histórica e idealização infantil; por outro lado, por causa de um descuido metodológico com a relação entre o *caminhar* e o *chegar*, entre *meios* e *fins*. O sonho da chegada é

importante, mas nunca o realizamos. A caminhada é a antecipação da chegada. A chegada já está na própria caminhada.

3.

Outrora, para muitos que defenderam uma “causa” — a causa indígena ou a dos pobres, a causa do Reino ou a causa do socialismo —, a chegada à sua realização parecia, com muitos sacrifícios, historicamente possível. O porto do “bom fim” haveria de ser o prêmio da caminhada. Muitos cemitérios estão dedicados a Nosso Senhor do Bonfim. Na obsessão de chegar ao fim e a bons resultados, o céu não era só dos mártires que sacrificaram sua vida, mas também dos que sacrificaram a vida dos outros. A causa coletiva era considerada maior do que a vida do indivíduo, e a vitória final mais importante do que o procedimento ético em todas as etapas da caminhada. Não só no cristianismo, também no socialismo muitas gerações se sacrificaram ou foram sacrificadas pela tirania dos fins, que prometeu tempos melhores para depois da morte ou futuras gerações.

4.

O *recall* das utopias se refere à ética e aos métodos de sua construção.

Às vezes existe uma grande distância entre o modelo-horizonte de chegada e o caminhar no cotidiano. As mudanças substanciais prometidas para o novo modelo de sociedade não estão presentes na ética e nas relações que configuram o dia-a-dia da caminhada. Concretamente dito: à sociedade fraterna como núcleo utópico do Reino não correspondem geralmente as estruturas hierárquicas ou burocráticas das igrejas. Também a sociedade sem classes ou a utopia socialista dificilmente se reconhece nas brigas das elites partidárias e nas manipulações de circuitos internos de influência. É preciso embutir a utopia da chegada na própria caminhada do grupo, no cotidiano do aqui e agora, e no interior da pessoa. A promessa do Reino é inacreditável se ela não está presente na vida cotidiana. Esse é o significado do Evangelho quando diz: O Reino de Deus está no meio de vós e dentro de vós (cf. Lc 17,21).

5.

O essencial da utopia não são novos paraísos, mas novas relações. Novas relações têm dimensões estruturais e pessoais. Essas novas relações entre as pessoas e entre tudo o que foi criado devem estar presentes no cotidiano de sua construção. Ao aceitar o absurdo como mal inevitável para chegar a um final feliz que dá, na retrospectiva, sentido à caminhada — no caso extremo, andando sobre cadáveres, e no caso *light*, os velhos critérios seletivos, hierarquias e corporativismos no interior dos movimentos —, não haverá sentido final. Não haverá uma sociedade solidária e fraterna, sem solidariedade embutida em cada instante de vida cotidiana, sem fraternidade em cada passo e decisão da caminhada.

6.

Novas relações apontam para uma nova ética, que na práxis cotidiana pode antecipar a vida verdadeira no meio da vida falsa. As estruturas antiutópicas do capitalismo dificultam, porém, não impedem — por instantes de graça — a realização das utopias. O primeiro passo fundamental dessa realização está na construção e vivência de relações que, apesar de não serem perfeitas, não estão em contradição flagrante às promessas das respectivas utopias. No meio das desigualdades discrepantes que fazem parte da lógica neoliberal e no meio de um mundo concorrencial que produz em todos os níveis competidores privilegiados, existe a possibilidade de viver relampejos de gratuidade e fraternidade de um outro mundo realizável.

7.

Cada ação produz contradição. Isso não vale só pelas contradições do capitalismo, mas também pelas contradições dos construtores de caminhos novos. Esses se movem entre duas contradições fundamentais. Primeiramente, entre a negação de qualquer colaboração com o sistema que atenta estruturalmente contra a vida dos pobres, e as parcerias aparentemente vantajosas para ambas as partes que o sistema oferece. Até onde podemos ou não podemos compactuar com os construtores da vida falsa e com seus métodos? Segundo, entre o cultivo do trigo e a eliminação da erva daninha. Não cultivamos o trigo junto com o joio, mas sabemos que, ao querer arrancar o joio em sua totalidade do campo histórico, se corre o perigo de um novo pensamento hegemônico, único, totalitário e maniqueísta. Inquisição e cristandade eram algumas dessas tentativas de eliminar o joio, o socialismo de *Stalin* e *Pol Pot* eram outras. Existem variantes históricas, como o fundamentalismo, o racismo, o nacionalismo, o imperialismo e o fascismo.

8.

Ao caminhar para Porto Alegre todos os setores carregam as suas utopias em vasos de barro. Não adianta ter propostas bonitas, soluções definitivas e politicamente corretas sem novas atitudes. Da convivência com movimentos sociais, trago a lembrança de como é difícil abrir mão do corporativismo, da hegemonia, da eficácia funcional e da lógica de custo-benefício. Estamos ainda longe da transparência dos fins nos meios, nas pequenas práticas cotidianas, na ética e no caminhar. A construção de um outro mundo possível passa pela desconstrução de lógicas neoliberais que se encarnaram em atitudes, desconstrução que passa pela ação ética, pela vigilância comunitária, pela participação indígena e pela militância de todos que acreditam que um outro mundo é possível.